

O mecenato régio e panegírico do monarca em Gil Vicente: uma análise das representações da Rainha Dona Leonor no discurso vicentino

Renata de Jesus Aragão Mendes (PPGHIST/UEMA/BRATHAIR)

Orientadora: Adriana Zierer

Resumo

Em Portugal do século XVI a Corte foi o principal espaço de propagação da cultura literária, sobretudo humanista. Nesse contexto, o principal meio de incentivo à cultura humanista pelos monarcas portugueses D. Manuel I e D. João III foi, além da concessão de bolsas para jovens no estrangeiro, o patrocínio ao desenvolvimento artístico. E o teatrólogo Gil Vicente se viu prestigiado como muitos outros artistas pelo mecenato régio durante 34 anos. Porém, teve como primeira e principal patrocinadora e protetora de seu trabalho uma mulher: a rainha Dona Leonor de Lencastre. Nesse sentido, esta comunicação tem como objetivo analisar as representações dessa rainha em algumas peças de moralidade da *Copilação* de 1652, a saber: *Auto da Alma* (1518), *Auto da Fé* (1510) e *Auto de Mofina Mendes* (1515-1534?). Gil Vicente ao defender os princípios norteadores do Cristianismo exalta constantemente a imagem dessa rainha, seja no prólogo das peças, de cariz sobretudo religioso, ou mesmo associando às virtudes da Virgem Maria, como modelo ideal a ser seguido. Entende-se que ao fazer o panegírico dos monarcas que o patrocinaram, sobretudo a rainha Dona Leonor, o autor queria não apenas mostrar a sua gratidão à proteção recebida e continuar recebendo prestígio, como defender o projeto político e ideológico dos reis, na qual a rainha também esteve envolvida, inclusive com associação entre divino e humano.

Palavras-chave: Rainha Dona Leonor. Mecenato régio. Gil Vicente